



HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PROFESSORAS DE OEIRAS-PI (1983-1990): FORMAÇÃO E PROFISSÃO

José Marcelo Costa dos Santos [*]; Maria do Amparo Borges Ferro [**]; Eva da Silva Costa
[***]

O presente artigo apresenta um recorte de pesquisa, tendo como objetivo geral interpretar aspectos das memórias de formação das professoras oeirenses, no período de 1983 a 1990. Como objetivos específicos, buscamos: conhecer aspectos da vida profissional e pessoal das normalistas de Oeiras-PI; caracterizar o processo de construção da identidade docente normalista; analisar a trajetória em torno da profissionalização da professora normalista no Piauí, com enfoque em Oeiras. Trata-se de uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, no campo dos estudos culturais, tendo como perspectiva metodológica a história oral e como técnica para coleta de dados, a entrevista de história oral de vida. As colaboradoras foram três professoras normalistas aposentadas do município de Oeiras-PI. Para fundamentar as discussões da pesquisa, realizamos leituras de textos de teóricos como: Lopes (2017), Pimenta (2000), Soares (2004), Villela (1970), dentre outros. O estudo mostrou que a Escola Normal em Oeiras-PI foi um viés de oportunidade para as mulheres oeirenses, sendo de grande relevância para formação de professores e para a construção da identidade docente nessa região.

Palavras-chave: Formação de Professores. História. Memória. Oeiras.

History and memory of the teachers of Oeiras-PI (1983-1990): education and profession

ABSTRACT

This article presents a research excerpt, with the general objective of interpreting aspects of the training memories of teachers from oeirenses in the period from 1983 to 1990. As specific objectives, we seek: to know aspects of the professional and personal life of the normalists of Oeiras-PI; characterize the process of construction of the normalist teaching identity; to analyze the trajectory around the professionalization of the teacher in Piauí, with a focus on Oeiras. This is historical research, with a qualitative approach, in the field of cultural studies, having as a methodological perspective the oral history and technique for data collection, the oral history of life interview. The collaborators were three retired normalist teachers from the city of Oeiras-PI. To support the research discussions, we read texts by theorists such as: Lopes (2017), Pimenta (2000), Soares (2004), Villela (1970), among others. The study showed that the Escola Normal in Oeiras-PI, was an opportunity bias for women from Oeiras, and we also highlighted the relevance of normalist training for the construction of the teaching identity in this region.

Keywords: Teacher Training. History. Memory. Oeiras.



Historia y memoria de los profesores de Oeiras-PI (1983-1990): educación y profesión

RESUMEN

Este artículo presenta un fragmento de investigación, con el objetivo general de interpretar aspectos de las memorias formativas de los profesores de Oeiras en el período de 1983 a 1990. Como objetivos específicos, buscamos: conocer aspectos de la vida profesional y personal de los normalistas de Oeiras-PI; caracterizar el proceso de construcción de la identidad docente normalista; analizar la trayectoria en torno a la profesionalización del docente en Piauí, con foco en Oeiras. Se trata de una investigación histórica, con enfoque cualitativo, en el campo de los estudios culturales, teniendo como perspectiva metodológica la historia oral y como técnica para la recolección de datos, la entrevista de historia oral de la vida. Los colaboradores fueron tres maestros normalistas jubilados del municipio de Oeiras-PI. Para fundamentar las discusiones de la investigación, leemos textos de teóricos como: Lopes (2017), Pimenta (2000), Soares (2004), Villela (1970), entre otros. El estudio mostró que la Escuela Normal de Oeiras-PI fue un sesgo de oportunidad para las mujeres oeirenses, siendo de gran relevancia para la formación docente y para la construcción de la identidad docente en esta región.

Palabras-clave: Formación del profesorado. Historia. Memoria. Oeiras.

INTRODUÇÃO

A instalação da escola normal no Piauí ocorreu entre tentativas não bem sucedidas no final do século XIX, sendo o primeiro intento em 1864, e início do século XX, tendo se consolidado apenas em 1910, na cidade de Teresina, por ação da Sociedade Auxiliadora da Instrução, da qual fazia parte o então governador Antonino Freire.

O ingresso no curso se dava mediante exame de admissão e nos primeiros anos de funcionamento havia cobrança de mensalidade. A partir da Escola Normal Oficial de Teresina surgiram outros estabelecimentos em cidades piauienses como Oeiras, Parnaíba, Picos e Floriano.

Ser aluna da Escola Normal era, para muitas mulheres, a única oportunidade de conquistar um ofício e ter alguma remuneração, ainda que ínfima se comparada aos trabalhos exercidos pelos homens. No caso das mulheres da cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, era também a conquista de representações sociais e mudança de *status*.



O presente trabalho contempla aspectos das memórias formativas de professoras normalistas aposentadas que, mediante acionamento de memórias individuais e coletivas, nos ajudaram a compreender o processo histórico e pedagógico que caracterizou a construção de suas identidades profissionais enquanto estudantes e egressas da Escola Normal de Oeiras-PI.

A história que, na visão de Rollin (1925, p. 208), “[...] foi chamada de testemunha dos tempos, de tocha da verdade, de escola da virtude, de guardiã dos acontecimentos e, se fosse permitido falar assim, de fiel mensageira da Antiguidade”, é um campo fértil que abriga diversas possibilidades de estudos e análises.

Preocupa-se com o diálogo entre os tempos, no sentido de analisar como a sociedade viveu e vive, considerando relações cronológicas, antropológicas, sociais, culturais, econômicas, mediante estudos que permitem ao pesquisador interpretar fatos e fontes, tendo como ferramentas, dentre outras, o *corpus* da memória.

Na perspectiva de Halbwachs (2013), a memória, sendo individual ou coletiva, é um fenômeno de recordação e localização em consideração aos contextos sociais em que atuam sujeitos, os quais formam comunidades afetivas, de modo que a memória é construída no acionamento de lembranças entre pares, em que “[...] existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum” (p. 39).

Desta maneira, analisamos aspectos da memória coletiva de normalistas oeirenses, relacionando-as, quando possível, com imagens, fatos e acontecimentos coletivos ou individuais. O objetivo geral deste estudo é interpretar aspectos da história e memória das professoras oeirenses, no recorte temporal de 1983 a 1990. Esse período corresponde ao processo de formação na escola normal e seus primeiros anos de docência.

Como objetivos específicos, buscamos: conhecer aspectos da vida profissional e pessoal das normalistas de Oeiras-PI; caracterizar o processo de construção da identidade docente normalista; analisar a trajetória em torno da profissionalização da professora normalista no Piauí, com enfoque em Oeiras.



As questões condutoras desta análise compreendem as seguintes indagações: Quais aspectos da história da educação de Oeiras podem ser relacionados com memória coletiva das professoras normalistas? Que identidade docente a Escola Normal de Oeiras buscava construir? Como ocorreu o processo de construção da identidade normalista nesse município?

O estudo se fez pertinente por oportunizar conhecimentos sobre a história e memória de docentes normalistas que contribuíram para a formação educacional no território do Vale do Canindé, região em que se localiza a cidade de Oeiras, bem como por contribuir com os aportes historiográficos sobre a educação piauiense no que concerne à formação de professores em nível Normal.

O artigo em questão se organiza em três seções, além desta introdução e das referências: na seção I apresentamos o percurso histórico da escola normal no Piauí, de modo a mostrar ao leitor como o ensino normalista foi desenvolvido na região; a II apresenta a metodologia aplicada no estudo, seguida da análise e discussão dos dados; na seção IV mostramos nossas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

A ESCOLA NORMAL NO PIAUÍ

O Ato Adicional de 1834 trouxe uma série de mudanças para educação brasileira, sendo, direta ou indiretamente, o estopim para o início da implantação de estabelecimentos de formação de professores no país. Segundo Niskier (1996, p. 102), o Ato em questão:

[...] estabeleceu a descentralização do ensino na qual caberia ao governo central a responsabilidade de legislar acerca de todos os níveis de ensino apenas na capital do Império e do curso superior em todo o território nacional. Já os governos provinciais ficariam responsáveis pelos ensinos primário, secundário e profissional nas respectivas províncias.

As implicações desta lei configuraram um quadro calamitoso no país: as escolas primárias e secundárias, agora sob a responsabilidade das províncias, não tinham estrutura



adequada e padeciam de muitas precariedades, principalmente pela ausência de professores com formação para o ofício do magistério.

Os governantes provincianos da época, desprovidos de apoio financeiro do Império, que não dava conta sequer do ensino de nível superior, bem como influenciados pela experiência ocorrida na França, iniciaram o movimento de criação das primeiras escolas normais no Brasil. Conforme Villela (1970, p.97-98):

A primeira escola normal no Brasil foi criada em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 1853. O curso normal criado em 1853 tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em curso público de nível secundário (hoje ensino Médio). A partir da criação da escola no Município da Corte, várias províncias criaram Escolas Normais a fim de formar o quadro docente para suas escolas de ensino primário. Desde então, o movimento de criação de Escolas Normais esteve marcado por diversos movimentos de afirmação e de reformulação, mas não obstante a isso, o Ensino normal atravessou a República e chegou aos anos 1949/50, como instituição pública fundamental no papel de formadora dos quadros docente para o ensino primário em todo o país.

Nessa época, as escolas normais eram designadas à formação inicial dos que almejavam ingressar no magistério primário e, também, para os professores já atuantes no ofício. Após a escola de Niterói, outras instituições foram implantadas no Brasil, conforme nos mostra o quadro abaixo, organizado por Prado (2020), com base na pesquisa de Araújo, Freitas e Lopes (2017).



Figura 01 – Escolas Normais no Período do Império no Brasil

Criação de Escolas Normais nas Províncias do Brasil Império				
CIDADE	UNIDADE FEDERATIVA (PROVÍNCIA)	ANO DE CRIAÇÃO		DURAÇÃO DO CURSO
		Lei	Abertura	
Niterói	Rio de Janeiro	1835	1835	3 anos
Ouro Preto	Minas Gerais	1835	1840	2 anos
Salvador	Bahia	1836	1842	2 anos
Cuiabá	Mato Grosso	1837	1842	3 anos
São Luís	Maranhão	1840	1840	2 anos
São Paulo	São Paulo	1846	1846	2 anos
Teresina	Piauí	1864	1864	2 anos
Recife	Pernambuco	1864	1865	2 anos
Maceió	Alagoas	1864	1869	2 anos
Porto Alegre	Rio Grande do Sul	1869	1869	2 anos
Curitiba	Paraná	1870	1870	2 anos
Belém	Grão-Pará	1870	1871	3 anos
Aracajú	Sergipe	1870	1871	2 anos
Vitória	Espírito Santo	1873	1873	2 anos
Natal	Rio Grande do Norte	1873	1874	2 anos
Manaus	Amazonas	1876	1876	3 anos
Fortaleza	Ceará	1878	1884	3 anos
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1880	1880	4 anos
Florianópolis	Santa Catarina	1880	1880	3 anos
João Pessoa	Paraíba	1883	1885	2 anos
Goiânia	Goiás	1882	1884	3 anos

Fonte: Prado (2020, p. 13).

Assim, no Piauí, especificamente em Teresina, foi criada a primeira Escola Normal pela Resolução nº 565, de 5 de agosto de 1864, com a finalidade de formar professores para o ensino elementar, seguindo as diretrizes nacionais e acompanhando as mudanças sociais, econômicas e políticas do momento, porém, não se logrou êxito (SOARES, 2004).

Para Garcia, Sobrinho e Garcia (2014, p.19), com a criação das escolas normais no Brasil, “os professores passam a ter uma distinção dentre aqueles que se dedicam ao ensino, diferenciação que está não só no nível de ensino no qual atuam, como também na certificação decorrente de uma formação própria para o exercício do magistério”, ou seja, inicia-se um processo de construção de uma identidade formativa professoral.

No caso do Piauí, a criação das escolas normais se deu, inicialmente, no governo de Franklin Américo de Meneses Dória (1864-1866), então presidente da Província.



A Escola Normal surgiu, então, como desejo de superação daquele que, na concepção de seus mentores, era o maior empecilho para a ação eficaz da educação: o professorado. A ausência de um corpo professoral vocacionado e treinado era o que reclamava o presidente Franklin Dória para a construção de seu projeto de ilustração da sociedade rural e de base latifundiária, dispensa e regida por códigos econômicos e políticos oligárquicos, os quais não passavam necessariamente pelo domínio daquilo que a escola tinha a oferecer e sobre a qual exerciam o controle em sua base municipal (Lopes, 2017, p.114).

Neste aspecto, as escolas normais foram criadas com o objetivo de formar professores para o magistério, baseada em métodos e conhecimentos regidos por uma instituição educacional que os normatizaria para a expansão de um ensino uniforme e, também, que combateria o modelo do mestre-escola: leigos que se dedicavam ao ensino elementar informal, não possuindo escolarização específica, ensinando apenas conhecimentos rudimentares.

A primeira grade curricular da escola normal foi organizada de acordo com o regulamento n° 52, de 6 de outubro de 1864 e, de acordo com Lopes (2017, p.114), compreendia a seguinte estrutura:

Primeiro ano - Gramática nacional com exercício de leitura de prosadores e poetas, assim como de ligeira análise gramatical dos mesmos, no intuito de formar o conhecimento de etimologia e de sintaxe; Caligrafia, Elemento de Moral e de Civilidade; as operações fundamentais dos números inteiros e dos quebrados; noções gerais de Geografia e de História Sagrada; trabalho de agulha para as alunas. Segundo ano - leitura de prosadores e de poetas, com exercícios minuciosos de análise gramatical, como lógica e também com exercício de escrita didática, nos quais se recordarão as regras de construção de ortografia; repetição do catecismo; repetição dos métodos; regras e exercícios das operações mais complicadas da Aritmética; sistema dos pesos e medidas nacionais e sistema métrico decimal; princípio de História profana e principalmente História do Brasil; desenho Linear e trabalho de agulha para as alunas.

Podemos observar que essa grade curricular se objetiva em formar profissionais da moralização, dando ênfase à formação política ideológica conservadora, que era visionada pelo presidente. É notório, também, o indicativo de atividades específicas para as mulheres, entretanto, não necessariamente conhecimentos voltados ao ofício de ensinar.



Dois anos depois, o Presidente da Província extinguiu essa organização curricular de ensino e, através da Lei n.º 599, de 09 de outubro de 1867, fez uma nova reforma e a grade curricular foi organizada nas seguintes cadeiras: “Primeiro ano - Língua Nacional, Aritmética, Álgebra até equação de primeiro grau, Geometria elementar e sistema métrico; Segundo ano - Geografia, História (principalmente do Brasil) e Pedagogia” (Lopes, 2017, p. 116).

Podemos constatar que nessa nova reforma, a grade curricular é diminuída, todavia, a existência desse curso parece não ter passado do papel, pois foi uma lei que não entrou em vigor, na prática. Sendo assim, o curso foi extinto pela Resolução Provincial n.º 858, de 11 de julho de 1868. Em 29 de agosto de 1871, pela Lei n.º 753, foi reaberto o ensino normal, anexado ao Liceu Piauiense, agora com uma grade curricular distribuída em três anos de duração.

A terceira tentativa ocorreu em 1882, através da Resolução n.º 1.062, de 15 de julho daquele ano, sendo essa a mais duradoura, funcionando seis anos. A grade curricular ainda tinha aplicação da prática dos conhecimentos adquiridos, ou seja, a normalista obtinha os conhecimentos gerais e específicos, de acordo com o currículo da época, na escola normal e fazia estágio em uma escola primária da capital.

Entre tantas e outras reformas, essa também não teve sucesso, posto que em 1884 foi iniciado o processo de desmonte dessa instituição. Isso aconteceu quando o presidente da província, Emídio Adolfo Victorio da Costa, teceu críticas a respeito de sua organização dizendo que a Escola Normal era incompleta.

Passaram-se alguns anos e o poder público não cogitava o restabelecimento da instituição de ensino normal, porém, em 1908, um grupo de piauienses intelectuais funda a *Sociedade Auxiliadora da Instrução*, ressurgindo novamente a Escola Normal, que recomeça a funcionar em 1º de janeiro de 1909, denominada Escola Normal Livre.

O estatuto da nova instituição (n.º 995) foi publicado oficialmente juntamente com o da Sociedade Auxiliadora da Instrução, no dia 03 de fevereiro de 1909. A Escola Normal Livre inicialmente contava com 10 cadeiras, distribuídas no período de três anos. Logo após a passagem da Escola do domínio da Sociedade Auxiliadora da Instrução para o governo do Estado, o curso passa a contar com o aumento de disciplinas e do tempo de formação (quatro



anos), sendo distribuídas em: História Universal, Italiano, Álgebra, Noções de Ciências Físicas e Naturais, Literatura Nacional, Direito Constitucional, Música e Ginástica sueca.

A iniciativa desses piauienses foi um marco na educação da região, que a partir de então pode contar com uma escola para formação de professores de forma sistemática e contínua, nesse período os estudantes visados por essa escola eram, predominantemente, mulheres. De acordo com Soares (2004, p.71):

No ano de 1910, um dos membros da Sociedade Auxiliadora da Instrução e professor da Escola Normal Livre, Antonino Freire, foi nomeado Governador do Estado (1910 – 1912) e, dentre suas medidas, oficializou o ensino normal transformando a Escola Normal Livre em Escola Normal Oficial.

A lei de n. 548, de março de 1910, previa em seu artigo 16 a criação de uma Escola Normal na capital, exclusivamente feminina, destinada à formação de docentes para o magistério, dando preferência à formação de professoras normalistas. Durante o mandato de Antônio Freire, foi regulamentada também a instrução pública, ampliando o curso normal para quatro anos de duração e ainda, foi criada a Escola Modelo para a prática das professorandas (docentes em formação).

Conforme Lopes (2017), o currículo da Escola Normal estabelecido no ano de 1910 contava com conhecimentos voltados para uma educação que se enquadrasse no contexto global ao inserir o ensino de História Universal e Italiano. Além disso, o currículo da instituição focalizava o conhecimento intelectual de Álgebra e Noções de Ciências Físicas e Naturais, mostrando que o conhecimento recebido pelos futuros profissionais do ensino era moldado pelo saber científico.

A partir de 1920, o currículo da Escola Normal passa por novas modificações. A nova proposta visava operacionalizar uma mão de obra adequada ao ensino, algo que ainda não se tinha, apesar das modificações neste período, buscava-se um currículo que pudesse formar professoras aptas a alterar a realidade educacional, que pudessem ensinar a partir de elos entre o cotidiano da criança e o saber a ser transmitido, ficando organizado da seguinte forma:



Quadro 01 – Grade Curricular

Etapa	Currículo
Primeiro ano	Português, Francês, Geografia, Cosmografia e Aritmética, Trabalhos de agulha, Desenho e Caligrafia.
Segundo ano	Português e Francês, Álgebra, Pedagogia, Música, Ginástica, Desenho, Caligrafia e Trabalhos Manuais.
Terceiro ano	Física e Meteorologia, Geometria, História do Brasil, Cartografia, Música Vocal e Pedagogia.
Quarto ano	Desenho, Música Vocal, História Natural, Higiene, História Universal, Pedagogia relacionada à Psicologia, Prática, Literatura e Química.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base em Lopes (2017, p.125)

Os resultados dessas últimas reformas e a mudança do público alvo da Escola Normal no Piauí tiveram pontos bastante positivos, um deles foi a expansão para as cidades circunvizinhas, com o objetivo de formar a classe professorada do Estado do Piauí, explicitado na mensagem do Governador Antônio Freire da Silva à Assembleia Legislativa.

As bases principais das reformas da nossa instituição pública são a criação da Escola Normal para o preparo do Professorado, a criação de grupos escolares na capital e nas cidades mais populosas, realizando pela divisão do trabalho o melhor aproveitamento dos esforços dos professores (Piauí, 1909, p.10).

Neste sentido, a finalidade da Escola Normal consistia em sistematizar o ensino no Piauí, com o objetivo de formar docentes competentes para a implantação de um novo modelo educacional público. No caso da cidade de Oeiras, a Escola Normal surgiu em 1970, intitulada como Escola Normal Presidente Castelo Branco.

O currículo era organizado em três eixos: Educação Geral (Língua Brasileira, geografia, história, E. M .C, O.S. P.B, Prog. Saúde. Matemática, biologia, física, química, Ed. Física. Ens. Religioso), Instrumentais (Red. Expressões, Lit. Infantil. Rec. e jogos. Artes infant. Tec. Pec. Áudios visuais) e Profissionalizante (Fund. Psicológicas. Fund. Sociológico. Fund. Filosófico. Estrutura do ensino 1º grau. Didática. Mat, da com. Exp. Met. Dos estudos sociais. Met. das Ciências. Met. das Matemática. Práticas de Ensino. Est. Regionais).



Segundo Lopes (2017), no início da criação da escola normal, a religião católica era uma ideologia predominante na educação, de modo que havia disciplina para aulas de História Sagrada e aulas de Catecismo. Valorizava-se a “moralização”, fruto da política ideológica conservadora, patrocinada pelo presidente Franklin Américo de Meneses Doria.

Já no século XX, a sociedade piauiense desfrutava de um novo horizonte em que as mulheres não eram mais vistas apenas como senhoras capazes de cuidar do lar, era possível concebê-las como possíveis trabalhadoras da educação, constituindo-se assim o início da identidade da normalista piauiense.

Percebemos, portanto, que todos esses contextos influenciaram na edificação da dessa identidade, tendo em vista fatores políticos, econômicos e culturais. É sabido também que, de início, a formação docente era destinada aos homens e que a inserção de mulheres nessa Escola Normal foi uma conquista.

As normalistas ganharam visibilidade por meio de sua prática educativa. A Escola Normal se expandiu pelo Piauí e, por mais que houvesse um interesse conveniente do Estado em inserir as normalistas no quadro docente, dentre outros em virtude de ser uma mão de obra mais barata e com possível mais traquejo para a puericultura, não excluía o mérito dessas mulheres, que agarraram a oportunidade de mudar o seu próprio destino.

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS NORMALISTAS OEIRENSES

Esta pesquisa versa sobre a interpretação de histórias e memórias de normalistas oeirenses, inserindo-se no campo dos estudos culturais. A História Cultural se ocupa da pesquisa de representação de determinada cultura em dado período e lugar. Na visão de Chartier (1990, p.25): “[...] Trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinadas realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Constitui-se de uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa. De acordo com Pieranti (2008), a perspectiva histórica busca compreender os acontecimentos e estruturas contemporâneos, em que suas fontes estejam ligadas ao passado. Isso significa que, a



objetividade da pesquisa histórica está em possibilitar o pesquisador a desvendar ao máximo a realidade em seus diferentes aspectos.

Partindo dessa premissa, optamos pela abordagem qualitativa, tendo como base as narrações das professoras normalistas, que puderam relatar suas experiências de vida e profissão. Gonzáles Rey (2002, p. 56) afirma que: “Toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma fonte principal de produção de informação”.

Em concordância com a pesquisa histórica, utilizamos a metodologia da História Oral para a obtenção de dados. No entendimento de Meihy (2005, p. 10), “a história oral é conceituada como a história do tempo presente, uma vez que implica em uma compreensão do passado como algo que tem continuação hoje, visto que processo histórico não está concluído”.

A técnica utilizada foi a entrevista de História Oral (Meihy, 2005), realizada com três professoras normalistas da cidade de Oeiras-PI, que estudaram na Escola Presidente Castelo Branco. Vale ressaltar que o prédio onde funcionou a escola normal oeirense abrigou, até 2020, o *Campus* Professor Possidônio Queiroz, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

As entrevistas aconteceram no segundo semestre de 2020 e, em virtude do momento pandêmico que ainda se fazia intenso, foram realizadas de forma remota, utilizando o aplicativo *WhatsApp*. Através dessa técnica, pudemos conhecer histórias e memórias que fizeram parte da construção da identidade das normalistas e que estão ligadas tanto à vida pessoal como a profissional. As participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, Meihy (2005, p.10) afirma que:

A história oral é uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico ainda não está acabado. A história oral garante sentido social a vida de depoentes e leitores que possam atender a sequência histórica a sentirem-se parte do contexto em que vivem.

Deste modo, a partir da entrevista de história oral, as entrevistadas tiveram a oportunidade de recordar histórias que fazem parte de sua formação e identidade docente. A metodologia de produção e análise de dados compreendeu as seguintes etapas: envio de carta-



convite às participantes, aplicação das entrevistas, transcrição e textualização do material colhido, devolutiva do material das entrevistas às participantes para apreciação e aprovação, construção das categorias de análise, tratamento dos dados, produção de relatório – produto (artigo científico).

Em nosso estudo, contemplamos quatro categorias a partir da entrevista, sendo elas: história e memória da formação docente normalista; o processo da construção da identidade normalista, atuação docente normalista e a identidade normalista oeirense. Isso permitiu uma análise sobre a história, memória e profissionalização normalista em Oeiras-PI. As professoras participantes do estudo serão identificadas como “Normalista I”, “Normalista II” e “Normalista III”, a saber:

Quadro 02 – Participantes da pesquisa

Perfil das professoras normalistas	
<i>Identificação</i>	<i>Formação</i>
Normalista I	Possui formação no Curso Normal, atuou por 30 anos como docente em escolas públicas de Oeiras, estando aposentada pela rede oficial de ensino desse município.
Normalista II	Formada pela Escola Normal Presidente Castelo Branco e, também, em Licenciatura em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí, lecionou em escolas públicas durante 30 anos, atualmente é aposentada pelo Governo do Estado, porém, ainda atua em uma escola da rede privada em Oeiras.
Normalista III	Habilitada no Ensino Normal, bem como em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Piauí, leciona nas escolas estaduais e trabalha na coordenação da SMDE – Secretaria Municipal de Educação de Oeiras-PI.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base nos dados das entrevistas

A seguir trataremos da análise mediante as categorias apresentadas, as quais foram construídas na relação entre as perguntas formuladas e as respectivas respostas. Objetivamos com estas indagações compreendermos a essência das memórias das normalistas em relação às suas formações e identidades no campo da docência. A primeira categoria foi embasada na



seguinte questão: “Por que a senhora escolheu o Curso Normal como formação e possível profissão?”. Quando questionadas, as normalistas relataram:

Normalista I: Cursar magistério pra mim foi por falta de opção, se eu tivesse tido outra oportunidade teria feito outro curso, mas como meus pais tinham muitos filhos e poucos estudos, eles queriam apenas que a gente fizesse o que tinha na cidade, pois eles não tinham o pensamento de nos tirar de Oeiras e, nesse tempo, o Curso Normal era destinado às mulheres. Nós éramos as protagonistas desse ensino. Porém, eu tive muitas amigas que saíram da cidade para fazer outro curso e acabaram voltando, porque lá fora não foi tão proveitoso como elas pensavam que ia ser. Com o passar do tempo, me encantei com o meu curso e aprendi a amar minha profissão. Iniciei o curso Normal em 1983 e conclui em 1985.

Normalista II: Escolhi esse curso mais por falta de oportunidade, pois nessa época era o que tinha na cidade e agarrei com todas as minhas forças. Sou muito grata a Deus pelos frutos que tenho hoje conquistado através da Escola Normal. Não foi fácil, enfrentei muitas barreiras para alcançar meus objetivos, assim como a maioria das estudantes desse tempo, as coisas eram mais difíceis, principalmente para nós mulheres. Iniciei minha formação na Escola Normal em 1987, assim que terminei o 1º primeiro ano básico.

Normalista III: Escolhi o caminho da docência por amor, sempre quis ser professora, então não perdi tempo, assim que terminei o ensino básico iniciei minha formação docente na Escola Normal. Me tornei normalista em 1986 e sou grata a Deus por ter tido essa formação inicial na docência. Depois me formei em Matemática e atuo na docência até hoje, tenho amor pelo o que faço.

Na primeira categoria foi possível observar que as duas primeiras normalistas não tinham o desejo de frequentar o Curso Normal, só o fizeram porque era a única formação existente em Oeiras, para mulheres nesse período. Em suas falas é notória que a Escola Normal estava destinada à classe feminina.

Para Freitas (2003), a Escola Normal foi um espaço social e educacional responsável pela formação das mulheres, dando a possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida e reconhecida, possibilitando certa independência social e econômica em uma sociedade muito marcada pelo patriarcado e machismo.



As escolas normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres. A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender socialmente (Freitas, 2003, p. 18).

Percebemos que, dentre outras dificuldades enfrentadas pelas normalistas nesse período, a questão financeira também as influenciou na tomada dessa decisão. Para Queiroz (1998), a estrutura econômica e curricular contribuiu para a feminização do magistério piauiense, que buscava atender a uma necessidade do próprio Estado.

No que se refere à inclusão das normalistas na rede pública de ensino, a partir de 1910, o Estado procurava substituir os professores leigos ou prepará-los para a docência, e viram nas normalistas a oportunidade de formá-las para a propagação do ensino. Segundo Lopes (2017), é nesse momento que o Estado do Piauí assume uma responsabilidade maior pelo ensino público, por meio da preparação dessas mulheres para um novo modelo educacional.

Fato é que o Curso Normal se tornou uma espécie de oportunidade, quer pela ausência de outro ofício quer pelo desejo pela profissão, para as mulheres oeirenses, que queriam se profissionalizar, trabalhar e se tornar independentes, tendo assim a chance de transformar suas vidas atuando como professoras profissionais.

Na categoria 02, contemplamos como questões norteadoras as seguintes indagações: “Que histórias e memórias fazem parte de sua formação normalista e como ocorria o processo de construção da identidade normalista oeirense?”. As colaboradoras deram as seguintes respostas:

Normalista I: Eu lembro de um relato de uma professora que desenhou um cacho de uva e levou para sala de aula e o aluno disse que era um “*moi de maxixe*”. E não é que um dia eu passei pelo mesmo vexame em sala: já formada e atuando, levei uma imagem de um cacho de uva que eu mesma fiz e um aluno disse que era um *moi de maxixe*. Isso me fez recordar o tempo de minha formação e me fez refletir sobre um ensino que não retratava a realidade dos alunos.

Normalista II: O processo desse ensino estava pautado na moral e na ética, nós aprendíamos a forma como devíamos nos comportar, aprendíamos como falar, qual o tom de voz adequado, como se comportar em sala de aula, como se vestir, como usar um quadro negro, a ter responsabilidade e compromisso



como professora. Não me recordo, com veemência, de histórias da minha formação normalista, porém, lembro que participávamos de forma ativa de quase todos os eventos que tinha na cidade de Oeiras nesse tempo. Me recordo que o processo na construção da identidade normalista acontecia através das disciplinas, na qual me recordo de algumas, como: Didática e Metodologia, que era as duas mais atuais do curso, eu lembro que o ensino era voltado para a forma como devíamos nos comportar enquanto professora, sempre mostrando autoridade e respeito diante dos alunos.

Normalista III: Tenho saudade de vários professores e, principalmente, dos que já tinham ideias mais avançadas, que nos ensinavam com Projetos de Debate, dando aos Formandos a chance de falar e de ser ouvido. Tenho saudade também do teatro e do desenvolvimento de dons artísticos dessa época, participávamos de quase todos os eventos artísticos que tinha na cidade, a Escola Normal era destaque nesse tempo, as alunas desfilavam em 7 de setembro, era tudo muito bonito. Me lembro com muita saudade dos altares do mês de maio, que era o feito em homenagem a Nossa Senhora da Vitória. A organização pedagógica da Escola Normal tinha como base estruturante a formação do professor, tanto em relação aos conhecimentos necessários como na sua prática pedagógica diária. Eu lembro também que fazia parte Grade Curricular as disciplinas de Didática, Prática de Ensino, e as Metodologia de Áreas, através delas nós éramos preparadas para ir pra sala de aula. Recebíamos orientação tanto de conhecimento como também quanto a maneira de conduzir a aula, como se colocar na frente de um quadro na hora da explicação, como abordar os alunos e que condução deveria ter para adquirir a atenção e o respeito dos alunos.

Evidenciamos na história da Normalista I que o ensino, no tempo mencionado, não condizia com a realidade dos alunos, ela relata uma história bem interessante: um aluno de um de seus colegas confunde um cacho de uva com um “moi de maxixe”, ou seja, o maxixe era um alimento que o aluno tinha bastante contato, já a uva, talvez não. A normalista II enfatiza o rigor e a disciplina que faziam parte da construção identitária das normalistas, desde a forma de portar à vestimenta – símbolo da cultura escolar da instituição.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2025v34n1.69475

José Marcelo Costa dos Santos; Maria do Amparo
Borges Ferro; Eva da Silva Costa

**História e memória de professoras de
Oeiras-PI (1983-1990): formação e
profissão**

Figura 02 – Normalistas oeirenses (Década de 1980)



Fonte: Fotografia cedida aos pesquisadores por uma das colaboradoras do estudo

Por meio da fotografia acima, podemos validar os relatos das normalistas, em que verificamos a predominância das mulheres no Curso Normal. Evidenciamos a cultura conservadora através de suas vestimentas: saias longas, blusas de manga abaixo do ombro e sapatos com meias do tipo expostas.

No relato da normalista III, percebemos que a Escola Normal tinha grande destaque na cidade de Oeiras, as normalistas participavam ativamente dos eventos culturais da cidade (teatro, jogos, festejos religiosos e outros eventos como o 7 de setembro). A participação delas nesses eventos dava prestígio e reafirmava a posição social da instituição.



Figura 03 – Participação de normalistas no desfile cívico (Década de 1980)



Fonte: Fotografia cedida aos pesquisadores por uma das colaboradoras do estudo

A imagem acima nos mostra as normalistas desfilando em evento cívico de 7 de setembro de 1983. Nesta foto, compreendemos o quanto essas mulheres tinham destaque, a cidade parava para ver o desfile, suas roupas eram personalizadas, blusa branca, saia verde com alças e sapatos brancos, notamos que se organizavam em filas e saíam marchando carregando as bandeiras oficiais.

As estudantes também faziam parte dos festejos religiosos e dos altares que eram construídos para Nossa Senhora da Vitória. As normalistas participavam desses eventos, fardadas, para mostrar o envolvimento da Escola Normal com a igreja e a sociedade. Na visão de Soares (2004), a Escola Normal desde sua fundação, sempre se amparou no ensino moral e religioso, para assim habilitar os professores com conhecimentos conservador e religioso, os quais predominavam na época.

Havia uma forte representação sociocultural em ser normalista. A própria vestimenta condicionava a tal caráter simbólico. Segundo Bourdieu (2021, p.10), “os símbolos são



instrumentos por excelência da integração social enquanto instrumento de conhecimento e de comunicação”. No caso das normalistas oeirenses, o símbolo também se configurava como um caráter simbólico norteador da identidade professoral da época.

Em relação à construção da identidade normalista, as três colaboradoras relatam que a forma como elas deviam se comportar e o visão da sociedade sobre sua conduta era crucial. Segundo Soares (2004), as estudantes da Escola Normal, futuras professoras primárias, deveriam representar um modelo de moral e ética já que, de acordo com o discurso governamental da época, caberia a elas a importante missão de contribuir para formar o caráter das crianças. Assim afirma o presidente Franklin Dória:

É preciso, pois antes de tudo, preparar candidatos para o professorado público de primeiras letras, os quais reúnam a vocação não equivocada, a mais ilibada moralidade, instruções suficientes e hábitos da pedagogia ou prática do ensino (Piauí, 1864, p.18).

Deste modo, o presidente da província deixa claro em sua fala a relevância da “vocação”, percepção da época sobre o magistério, para poder ser professor e a pertinência da moral como viés condutor do ensino normal, no qual todos os ensinamentos deviam estar de acordo com a moralidade ditada pelo Estado. Nesse sentido, o Ensino Normal estava pautado no conservadorismo e na objetividade do Estado.

Na verdade, tornando a grade curricular isolada, percebe-se o objetivo de formar profissionais da moralização elementar. Essa escola visava um centro de formação política-ideológica conservadora [...] a través dos conteúdos ensinados na Escola Normal (Lopes, 2017, p. 115).

Partindo deste contexto, a finalidade do Estado estava em formar professores para atuar nas escolas públicas e em perpetuar a ideologia do próprio Estado através da educação, focando na formação de professores. Conforme Piauí (1879), o bom professor era aquele que se enquadrava nos propósitos da educação mantida pelas províncias, essa concepção também pode ser vista na fala do juramento de conclusão de curso da Normalista III:



Prometo, no exercício do Magistério, instruir e educar a criança dando-lhe o senso da liberdade e da dignidade da pessoa humana, e formar a sua consciência cívica para que possa trabalhar, com eficácia, pelo engrandecimento de Oeiras do Piauí e de todo o Brasil (Juramento, 1986).

Mediante este juramento, acreditamos que a educação normal estava engajada na objetividade do Estado, em criar cidadãos obedientes e que se reconhecem como parte do próprio Estado.

O processo de construção da identidade normalista se dava dentro e fora da Escola Normal, uma vez que as alunas participavam ativamente dos eventos culturais e também tinham o papel de manter a imagem do estabelecimento como instituição ilibada, competente e capaz de formar para além do próprio magistério, ou seja, formação social às mulheres.

Na categoria 03, abordamos a questão da trajetória docente normalista, em que realizamos a seguinte pergunta: “Quando iniciou sua atuação docente como normalista?”. As colaboradoras responderam da seguinte forma:

Normalista I: Concluí o Curso Normal em 1985, assim que terminei comecei a lecionar, no início não foi fácil, nossa renumeração salarial não era boa, depois passei no concurso do Estado, todavia, o salário do professor no Brasil nunca foi valorizado, mas esse grande desafio dentro da docência nunca me fez ter vontade de fazer outro curso, atuei em sala de aula durante trinta (30) anos e hoje, graça a Deus, estou aposentada.

Normalista II: Iniciei minha prática docente assim que terminei a Escola Normal, na (SMD) Secretaria Municipal de Educação, onde trabalhei com a alfabetização de jovens e adultos. Não me contentei com o curso normal, no qual ao longo do tempo foi se tornando um curso muito incompleto, então resolvi cursar Letras-Português; tenho trinta e cinco (35) anos de docência em sala de aula, sou aposentada pelo Estado, mas ainda leciono em uma Escola privada.

Normalista III: Finalizei o Curso Normal em 1986, e comecei atuar na docência algum tempo depois. Com o passar dos anos, foi surgindo a necessidade de buscar mais uma profissionalização, assim decidi fazer mais um curso, hoje possuo formação Normal e, também, sou formada em Matemática pela Universidade Estadual do Piauí, tenho trinta e quatro (34) anos de docência. Atualmente, trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Oeiras e leciono em escolas estaduais de Oeiras-PI.



A primeira normalista faz um desabafo sobre a desvalorização do salário do professor, segundo ela os docentes no Brasil nunca ganharam salários condizentes com seu ofício, o que segue de acordo com o que verificamos na pesquisa teórica, ou seja: os primeiros professores normalistas eram muito mal remunerados, ganhando apenas 600\$ anuais (PIAUI, 1873). Isso mostra que a desvalorização salarial da classe docente vem desde o início da construção de sua identidade, e perpetua até os dias atuais.

De acordo com Monlevade (2000, p. 269), “o salário não é determinante da valorização do professor. Mas ele expressa, simboliza, manifesta como que um grau de valorização. E o sustenta materialmente”. Contudo, a profissão de uma normalista nunca foi reconhecida, em termos de salários, da forma devida. As professoras de Oeiras, por exemplo, ingressaram na profissão recebendo ordenados ínfimos e viveram os tempos de precarização e das mudanças com as legislações dos séculos XX e XXI.

Os baixos salários e a escassez de estrutura das escolas eram complicadores do trabalho das normalistas, todavia, não foram entraves insuperáveis, prova disso é que elas trabalharam décadas e se sentem realizadas pelo ofício desempenhado.

Em acionamentos de memórias coletivas, as colaboradoras revelaram momentos nostálgicos de suas formações e dos tempos de normalistas, como é exemplo da figura abaixo.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2025v34n1.69475

José Marcelo Costa dos Santos; Maria do Amparo
Borges Ferro; Eva da Silva Costa

**História e memória de professoras de
Oeiras-PI (1983-1990): formação e
profissão**

Figura 04: Despedida da turma de 1983



Fonte: Acervo da pesquisa

A imagem nos mostra a despedida da turma de 1983, da qual fez parte a Normalista II. Vemos mais uma vez a predominância da mulher na Escola Normal, destaque também para a vestimenta das normalistas, sempre padronizadas. Após a conclusão, ou até mesmo antes do término do curso, as normalistas ingressavam no serviço público, em sua maioria por indicação política ou religiosa.

O evento representado na figura III evidencia parte do prédio da Escola Normal, no centro de Oeiras, o qual, após o fechamento do Curso Normal no início do século XXI, passou a abrigar o *Campus* Possidônio Queiroz, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), recebendo como alunas universitárias as Normalistas II e III.

Assim, a identidade normalista foi ressignificada com a formação acadêmica, um sinal dos tempos, considerando que a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9.394/96, Art. 63, a formação do professor deve contemplar o nível superior.



Na categoria 04, destacamos as seguintes questões: “Que identidade a Escola Normal construiu?”. Assim responderam as participantes:

Normalista I: Nossa identidade era moralista, nesse período a formação era para tornar a professora protagonista do ensino. Deveríamos impor respeito para o aluno. Inclusive na vida pessoal, o comportamento fora e dentro da sala de aula devia ser idôneo, moralista, ético, em todos os sentidos, inclusive nos relacionamentos amorosos. [...] A formação normalista foi muito relevante para minha vida, não só profissional, mas também pessoal, as práticas que aprende nesse período formam primordiais para minha atuação docente durante meus trinta anos (30) em sala de aula.

Normalista II: A identidade normalista em Oeiras-PI era bastante conservadora, pautada na ética e na moral, sempre mostrando autoridade e respeito diante dos alunos. Durante minha experiência docente teve alguns problemas com alunos desobediente e é nesse momento que entra a importância da minha formação normalista, pois a postura que aprende, enquanto professora normalista me ajudou muito na hora de lidar com esse tipo de aluno. Infelizmente, hoje, por falta de uma educação mais disciplinada, muitos professores sofrem com a indisciplinas de muitos em sala de aula. No tempo em que fiz a Escola normal, vivíamos o tempo, em que o ensino focava no respeito, na moral, então nossa identidade era construída a parte desses pilares. Valorizando sempre o silêncio em sala de aula, o professor era o dono da fala, os alunos sempre deviam permanecer calados e atentos a ele, o objetivo do curso normal era preparar o professor para exercer o Magistério.

Normalista III: A formação Normalista foi muito importante na construção da minha identidade docente. Hoje com trinta e quatro (34) anos de sala de aula, nunca tive um atrito e nem a necessidade de atitudes mais drásticas, como a suspensão de algum aluno por parte do diretor em assistir minha aula. Penso e posso está errada, mas as Universidades tem uma grande preocupação com o Conhecimento específico de cada Área, mas o momento dedicado a formação Didática se torna pequena em relação a sua importância. Hoje sou professora de Matemática e durante esse tempo vi muitos colegas de trabalho com um grande avanço intelectual, porém, sem a devida preparação emocional e didática para conduzir uma turma. Minha colocação é sentida principalmente na indisciplina, na falta de respeito e de empatia dentro das escolas.

Nesta categoria, percebemos que o objetivo do ensino normal em Oeiras-PI nos anos 1980, época em que as três normalistas estudaram, era preparar as professoras para o magistério na perspectiva cultural da época. Lopes (2017, p.125) aponta que a partir dos anos de 1910, o objetivo da Escola Normal era formar as docentes competentes, para a implementação de um



novo modelo educacional público, esta objetividade fica clara no discurso do presidente da província Miguel de Pavia Rosa em 1913:

Como diretor, que fui da Escola Normal, testemunhei o seu curso brilhante e a educação que mostram nos meses de prática da Escola Modelo, o que é uma segura garantia do resultado benéfico dos seus esforços. É natural confiar, pois, que a esta hora, nesta capital e nas localidades [para as quais havia sido contatada normalistas] se tenha submetido os processos desse ensino antes adaptados. [...] Se recordamos que os novos professores levam para o magistério uma cultura regular, ficarão perfeitamente justificadas as nossas esperanças no que se refere a ação normalista no interior do Estado, Piauí (Lopes, 2017, p.19).

A Escola Normal, portanto, a partir dos anos de 1990 objetivava formar professoras normalistas para um novo modelo educacional, em que a identidade formativa normalista fazia parte desse processo, ou melhor, protagonizara esse ensino. Tratava-se de um ensino moralista e ético, voltado tanto para o conhecimento científico como para a conduta enquanto professoras normalistas. Na visão de Lopes (2017), a grade curricular das Escolas Normais pretendia formar profissionais da moralização elementar, visando um centro de formação política e ideológica conservadora.

Ao indagarmos sobre a relevância da profissionalização docente normalista, notamos que a Normalista II e a Normalista III se aproximam em suas respostas, relatando que o ensino normal foi de suma importância para a edificação de sua identidade docente. Teceram uma crítica a respeito da formação de hoje, que prepara o formando com uma boa base científica, mas muitas vezes não os qualifica para o domínio da sala de aula devido à ausência de uma formação voltada para a disciplina do professor em sala. Essas docentes deveriam ser exemplo vivo das qualidades morais e cívicas, visto que “a professora a responsável por transmitir elementos de civilidade e moralidade aos seus alunos” (Müller, 1998, p. 04).

Observamos ainda que a identidade formativa normalista oeirense, no período de 1986, começava a adotar ideias mais democráticas, visto que a Normalista III diz lembrar com saudade dos professores que trabalhavam com projetos de debate, colocando os formandos para falar.



Para Pimenta (2000, p. 19), o processo de identidade profissional incorpora os hábitos sociais de um contexto histórico e social, o que significa que “uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados da profissão e das tradições”.

Deste modo, a identidade normalista não se deu de forma estática, foi se alicerçando com o tempo, por meio da relação cultural, social e coletiva desse grupo, permitindo que a Escola Normal desenvolvesse sua própria identidade. Essa afirmação nos leva a refletirmos sobre o fato de que a identidade formativa normalista oeirense também se construiu através das experiências de vida relatadas por cada uma das colaboradoras, no sentido de ser e de exercer sua profissão. Para Pimenta (2000, p.19):

[...] a identidade docente se constrói pelo significado que cada professor dá para a sua profissão, enquanto autor e ator, conferindo à atividade docente, no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e de seus anseios.

Nessa ótica, os professores não devem se basear apenas nas ideologias do Estado. É preciso construir a identidade docente pautada em diversos ideários, uma vez que as experiências são individuais, coletivas e sociais, considerando os diferentes contextos históricos. Nesse ensejo, mudanças foram necessárias para a ressignificação da identidade docente no Piauí, uma vez que os professores a constroem mediante perceptivas de formação e de práticas pedagógicas, logo, entender a atuação docente das normalistas é crucial para que compreendamos os caminhos da formação e da profissionalização dos professores piauienses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu a compreensão de aspectos da história e memória das professoras normalistas oeirenses, no recorte temporal de 1983 a 2000. O estudo atingiu os objetivos propostos, trouxe conhecimentos sobre períodos da vida profissional e pessoal das



normalistas de Oeiras-PI, a partir de caracterizações sobre o processo de construção da identidade docente normalista dessas professoras, bem como no que diz respeito à trajetória em torno da profissionalização da normalista no Piauí, com enfoque em Oeiras.

Verificamos que a vida social e pessoal das docentes são elementos da memória coletiva, de modo que elucidam como o processo de construção da identidade docente na Escola Normal de Oeiras foi construído e de que forma isso impactou na carreira de professoras primárias dessa região, tendo em vista que o magistério foi a única oportunidade para as mulheres que queriam se profissionalizar sem sair da cidade. Interpretamos histórias e memórias que fizeram parte da formação normalista nessa cidade, através da fala e de fotografias cedidas pelas colaboradoras desse estudo.

Tivemos a oportunidade de conhecer eventos importantes que marcaram dessas vidas das normalistas, notamos que elas tinham grande visibilidade e participavam ativamente das festividades culturais de Oeiras. Evidenciamos que o ensino normal estava pautado em uma educação moralista, ética e conservadora, essa ideologia objetiva-se no desejo do Estado em tornar o professor o protagonista do ensino, à luz dos preceitos políticos da época.

Nesse processo educacional, a Escola Normal dava ênfase na educação tradicional, em que professores ditam o conhecimento e os formandos apenas reproduziam, porém, percebemos que por volta dos anos 1986, alguns professores já tinham ideias mais democrática, permitindo formandos expressarem suas opiniões e fazerem parte do processo de ensino e aprendizagem.

Ao buscarmos compreender a respeito da atuação docente das três normalistas, notamos que essa trajetória inicia após suas formações, e duas normalistas sentiram a necessidade de buscar outra profissionalização, dentro da área da docência, o que nos mostra que o processo de construção da identidade docente é contínuo.

Em suma, a investigação mostrou que a Escola Normal em Oeiras-PI foi um viés de oportunidade para as mulheres oeirenses, sendo de grande relevância para formação de professores e para a construção da identidade docente nessa região.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs.). **As Escolas Normais no Brasil: do Império à República**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1990.
- FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**. Aracaju, SE: NPGED, 2003.
- GARCIA, Tânia Cristina Meira; SOBRINHO, Djanní Martinho dos Santos; GARCIA, Tulia Fernanda Meira Garcia. **Profissão docente**. Natal: EDUFRN, 2014.
- GONZÁLES REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 2013.
- LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **As Escolas Normais no Brasil: do Império a República**. 2.ed. Campinas, SP: Alínea 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- MÜLLER, Maria, L. **As construtoras da Nação: professoras primárias na primeira república**. Niterói: UFRJ, 1998.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.
- PRADO, Douglas Silva do. **Escolas Normais no Brasil no Período Imperial (1835-1889)**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2020.
- PIAUI, Presidente, 1864-1866 (Franklin Américo de Meneses Dória). **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa do Piauí**, no dia 1^o de julho de 1864, pelo presidente da Província Franklin Américo de Meneses Dória. Sam Luiz: Typ. B. de Mattos, 1865.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2025v34n1.69475

José Marcelo Costa dos Santos; Maria do Amparo
Borges Ferro; Eva da Silva Costa

**História e memória de professoras de
Oeiras-PI (1983-1990): formação e
profissão**

PIAUI, Presidente. **Código de Leis Piauí** para o ano de 1909. (Decreto n.º 995 de 03 de fevereiro de 1909).

PIAUI, Presidente. **Código de Leis Piauí** para o ano de 1874. (Resolução n.º 858 de 11 de julho de 1873).

PIERANTI, O. P. A Metodologia Historiográfica na Pesquisa em Administração: uma discussão acerca dos princípios e de sua aplicabilidade no Brasil Contemporâneo. **Cadernos EBAPE**, vol. VI, no 1, março de 2008.

PIMENTA, Selma, Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** São Paulo: Cortez, 2000.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a república:** Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
ROLLIN, Charlie. **Histórias do Sr. Letonne.** Paris Firmin Didot, v1 10, 1925.

SOARES, Norma, Patrycia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003):** Reconstruindo uma memória da Formação de Professores. 2004. 175f. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Federal do Piauí.

VILLELA, Heloisa de O.S. **Pesquisa e Planejamento:** Contribuição para o estudo da Escola Normal no Brasil. São Paulo, v.13, dez. 1970, p.7-98.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí – Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5612-5601> -
E-mail: marcelo.jose@ufma.br

[**] Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – Professora Titular da Universidade Federal do Piauí – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1584-7007>
- E-mail: amparobferro@gmail.com

[***] Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – Professora na cidade de Oeiras-PI - ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8757-1020> -
e-mail: evas4680@gmail.com

Submetido em: junho de 2024.

Aprovado em: outubro de 2024.

Publicado em: janeiro de 2025.